

Soluções em debate

Do estabelecimento de políticas educacionais mais efetivas e duradouras à necessidade de tornar o ensino atual em sala de aula menos “chato” e conectado à dinâmica realidade do universo virtual, especialistas apontam problemas e saídas à Educação nacional

MARCELO FERRAZOLI

Não são poucos os problemas enfrentados no atual momento da Educação nacional. Igualmente as alternativas para se solucioná-los. Fato é que especialistas do setor, sejam eles das redes pública e privada ou ligados ou não a órgãos, entidades e instituições governamentais federais, estaduais e municipais, têm se debruçado sobre a área em busca de saídas.

Prova disso foi a recente iniciativa do governo federal em apresentar, via medida provisória, proposta de reforma do ensino

médio, que, entre outras medidas, sugere a alteração da grade curricular nas escolas tornando obrigatórias apenas disciplinas como Matemática e Língua Portuguesa. Como era previsível, a propositura gerou reações e protestos em diversos setores sociais, mas serviu também para demonstrar que os caminhos para evolução do ensino nacional ultrapassam os limites de meras tentativas isoladas de solucionar dramas e mazelas já enraizados há décadas na Educação brasileira.

Vai muito além disso.

E, para “colocar o dedo na ferida”, expondo seus problemas e também na tentativa de encontrar uma “luz no fim do túnel” para a Educação tupiniquim, o JC consultou especialistas do setor em diversas áreas. Que não “economizaram” em apontar as “chagas” que fazem o setor adoecer no País, mas também apontaram os possíveis “remédios” para curá-lo. Confira as análises feitas por eles ao JC nos textos a seguir.

Educação transformadora



Vera Casério
secretária municipal de Educação e diretora da Instituição Toledo de Ensino (ITE)

Baixo rendimento



Eveline Ignácio da Silva Marques
professora e diretora do Centro de Ciências Humanas da USC

Duas realidades



William Bornia Jacob,
consultor e palestrante educacional do Colégio Rembrandt/COC

Educação engessada



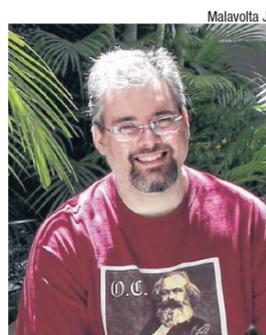
Ana Cristina Rocha Gonzaga
diretora de ensino da Escola Four C

Professor é peça-chave



Gina Sanchez,
dirigente regional de Ensino

Precarização e descaracterização



Carlos D'Incao,
diretor do Colégio D'Incao

Ensino muito 'chato'



Emmanuel Flores de Andrade
gerente do Senac Bauru

“Embora com avanços em algumas áreas, como a exigência do nível superior para professores desde o ensino infantil e a formação continuada de docentes, que colaboram para a melhora da qualidade da Educação, precisamos de novas respostas e currículos para motivarmos o aluno de hoje. Não podemos mais concebemos as aulas como fazíamos há 20, 30 anos. O mundo mudou, os alunos também e o contexto é outro. A Educação precisa ser transformadora e os professores precisam ser valorizados financeiramente e em sua condição de profissional. Os alunos precisam aprender a fazer análises críticas e a escola tem obrigação de formar cidadãos críticos. A saída para isso é uma política educacional, que, no entanto, não se faz de um dia para o outro nem deve ser apenas para um, mas para todos, pois em uma escola os alunos e professores são os principais atores do processo.”

“Apesar das críticas, a educação, de maneira geral, dentre as quais segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico de 64 países avaliados, o Brasil está entre os dez com mais alunos com baixo rendimento em Matemática, leitura e Ciências. Percebo um movimento de tentativas políticas e inovações metodológicas que buscam a educação mais contextualizada e democrática. Na Educação Básica, por exemplo, o Movimento pela Base Nacional Comum Curricular, como tentativa de redução das desigualdades educacionais do país, é exemplo disso. A institucionalização de políticas de formação inicial de professores com qualidade no Ensino Superior, a formação continuada dos professores, a preocupação com a carreira docente, as condições de trabalho nas escolas, uma vez que os professores são os sujeitos profissionais da educação, estão entre possíveis saídas.”

“Há duas realidades na Educação, hoje: a pública e a privada. A pública sofre com a falta de estrutura física e de outros recursos, mas não falta dinheiro; falta jeito com a coisa pública e saber como direcionar recursos financeiros. Precisa de gente que saiba fazer e este é o grande problema. Já a privada tem mais recursos físicos e profissionais mais preparados, mas cai na “burocracia” do excesso de conteúdo ditado pelos vestibulares. Por isso, não adianta reformar o ensino médio se as escolas continuam preparando para os vestibulares, sem tempo para debates e análises. Essa lógica perversa precisa acabar. Por isso, é preciso mudar os vestibulares a fim de que estes privilegiem mais a capacidade de criar e raciocinar do que a decorar. Não é ver só o que o aluno sabe, mas também o que ele sabe fazer com o conteúdo, mostrando que sabe aplicá-lo de forma inovadora e prática.”

“A Educação brasileira está muito engessada em sua política educacional e nos parâmetros que adotamos para sua condução. Ao mesmo tempo que tentamos inovar, nossas crenças estão arraigadas na educação que recebemos e tendemos a repetir a educação tradicional. O mundo mudou e tentamos mudar e não conseguimos porque pensamos: ‘Se deu certo para nós, por que não dará para nossos filhos?’ Estamos presos a currículos, apostilas e paradigmas arraigados em uma lógica conservadora e para evoluirmos na qualidade do ensino precisamos ter coragem para rompê-los. Nunca a humanidade tinha vivido uma era como a atual, em que o conhecimento estivesse tão ao alcance de todos, até nas palmas de nossas mãos. E o que fazer com isso? Trabalharemos, pelo menos, em três frentes: conhecimento de pesquisa, construção do conhecimento e capacidade de se fazer críticas ao conhecimento.”

“A educação é de fundamental importância para um país que precisa se desenvolver e ser muito mais valorizada do que é hoje. Precisamos de ações mais efetivas para que ela faça a diferença na vida das pessoas. É preciso vontade política para que ela assuma seu papel de importância no progresso nacional e na sociedade civil para que as pessoas voltem a enxergar os professores como pessoas capazes de fazer a diferença e como um instrumento de desenvolvimento do País. E só ações governamentais não são suficientes para isso. Precisamos que outras instituições e aparelhos também centrem esforços nisso. Uma das peças-chave é a formação do professor, que precisa ser voltada para o aluno de hoje. Temos carga horária teórica grande, mas pouco voltada ao cotidiano escolar. Também precisam ser revistas as condições para que as escolas tenham estrutura e suporte. A Educação não é gasto, é investimento.”

“A educação hoje passa por processo de precarização e descaracterização. Há décadas enfrenta graves problemas, como baixos salários, falta de condições estruturais, ausência de cursos de aperfeiçoamento pedagógico etc. No que tange à descaracterização, trata-se de processo mais recente. Existem tendências pedagógicas adotadas pelos mais diversos Estados brasileiros que vão na direção de distorcer o papel do professor e da escola. Hoje vemos frequentemente escolas que não exigem conteúdo e colocam o professor em um papel secundário no processo educacional. No fim, o resultado são jovens que saem da escola mal formados, sem conhecimento e alienados. O Brasil precisa de um projeto sério para educação que garanta a jovens e adultos formação de qualidade alinhada às mais avançadas propostas pedagógicas, quais sejam, as que valorizam o conhecimento e o professor.”

“Temos de repensar o todo na Educação, desde estrutura, cargos, salários e currículos, mas o mais importante e o que mais padecemos é que hoje o ensino está chato. Precisamos de alunos ligados e com vontade de frequentar as instituições, mas atualmente vemos o contrário disso. Precisamos modificar o estado mental de educadores e alunos, quebrando paradigmas e crenças tradicionais em que o conhecimento só é reproduzido. Temos de mudar e adotar metodologias conectadas à realidade. As famílias estão distantes dos filhos, estes das escolas, estas dos alunos e estes dos mercados de trabalho. Precisamos ter famílias voltadas à Educação, escolas direcionadas à realidade para formarmos cidadãos com personalidade e formadores de opinião. Para isso, além de propostas pedagógicas mais dinâmicas e próximas do aluno e dos mercados de trabalho, os professores também têm de mudar.”